

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA: CHICO RIBEIRO EM SANTA MARIA

Priscila Finger do Prado

RESUMO[©]

Santa Maria, por sua localização central e por abrigar um certo número de instituições de ensino superior, tem sido largamente procurada por pessoas que buscam cultura e conhecimento. Sendo assim, não é de estranhar a riqueza e a variedade da sua produção artística e cultural. Neste contexto, destaca-se a literatura produzida na cidade, pois há um significativo número de prosadores e poetas conhecidos além das fronteiras de Santa Maria. Chico Ribeiro, poeta santa-mariense, participa deste cenário cultural com sua expressiva poesia, produzida até o ano de sua morte, em 1996. Parte de sua obra foi publicada pela ASL (Associação Santa-Mariense de Letras), sob os títulos *Filosofia Campeira e Versos de Campo Aberto* (1964/1990) e *Antologia Poética* (1988). No entanto, a maior parte de seus poemas continua sem publicação. Assim, o objetivo deste trabalho é o resgate da obra e da biografia do poeta para a sua divulgação através de seminários, mesas-redondas e, posteriormente, para a sua publicação. Da coleta dos manuscritos e edições do acervo literário do poeta, chegou-se à divisão em três temáticas principais, a lírica, a satírica-social e a campeira. Feita essa classificação, os poemas passaram por uma revisão ortográfica, já que muitos deles datam do início do século XX, e alguns serão analisados para exemplificar a variedade e a riqueza da poética de Chico Ribeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Chico Ribeiro, literatura, identidade

INTRODUÇÃO

Francisco Ribeiro nasceu em Santa Maria, a 1º de agosto de 1901, e veio a falecer na mesma cidade, sob a data de 27 de outubro de 1996, com 95 anos. Morou algum tempo no antigo distrito santa-mariense de São Martinho de Serra e, em 1912, iniciou seus estudos no Colégio Santa Maria. Casou-se duas vezes: no primeiro matrimônio, teve dois filhos, Sólton Thiago e Marilene (in memoriam); no segundo, com Alba

Bicca Larré, não teve filhos, mas ajudou a criar três: Élio, Rosa Helena e Maria Cristina. Chico Ribeiro trabalhou durante 27 anos como escriturário da Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea, e se aposentou.

O poeta teve vários de seus poemas publicados em jornais como *Correio do Povo*, *A Razão* e *O Independente*; e, ainda em vida, viu serem publicadas suas duas únicas obras: *Filosofia Campeira e Versos de Campo Aberto* (1964/1990) e *Antologia Poética* (1988). Essas foram publicadas pela Associação Santa-Mariense de Letras, da qual foi sócio-fundador e presidente honorário.

A temática da poesia ribeiriana é ampla e abriga desde episódios da lida campeira do gaúcho até a evocação de problemas sociais e políticos. Sua obra pode ser dividida nas temáticas: lírica, satírica-social e campeira. Na temática lírica, percebe-se a idealização da mulher (sua beleza), a descrição atmosférica e, por vezes, psicológica de cidades e vários poemas-brinde, ou seja, poemas dedicados a personalidades conhecidas do poeta. A temática campeira ilustra o dia-a-dia do homem do campo, a variedade natural do pago sulino, as tradições gauchescas e o orgulho de ser gaúcho. Já na temática satírica-social, o poeta mostra seu lado mais felino, utilizando uma espécie de "humor negro" para criticar personalidades e acontecimentos políticos e sociais. Isso pode ser justificado por depoimentos de conhecidos e familiares do poeta que o definem como um homem de "humor instável e dono de ironia fina". Da temática lírica, será analisado o poema inédito *Castro Alves* (s/d), para que se possa demonstrar um pouco do funcionamento de sua poética inédita.

1 Construção da identidade e Chico Ribeiro

O conceito de identidade, segundo Bernd (1992), tornou-se recorrente no domínio dos estudos literários a partir do momento em que as literaturas marginais aos campos literários hegemônicos recusaram a classificação de "literaturas periféricas". A partir da reivindicação

de um estatuto autônomo por parte destas literaturas, foi preciso reaver tal conceito, já que a presença destas abalaria a identidade cultural já existente.

A construção de uma identidade cultural é feita a partir de tudo o que se diz e, principalmente, do que se escreve sobre ela. Podem-se identificar, então, duas funções da literatura apontadas por Glissant (apud Bernd, 1992), a função sacralizadora e a dessacralizadora. A primeira tende ao mesmo, ao elemento unificador, ou seja, a partir de um único quadro de referências se daria a identidade de uma cultura. No Brasil, pode-se exemplificar com o Romantismo, que buscou no índio a referência para a identidade cultural brasileira de forma idealizada e estanque. A segunda tende ao diverso e procura desfazer o que era considerado único, isto é, dessacralizar, abalar as estruturas que edificaram a cultura durante um determinado momento. O Modernismo seria o exemplo dessa função dessacralizante da literatura no Brasil, utilizando também a imagem do índio como herói, só que como um herói "sem caráter", representado na figura da personagem Macunaíma de Mário de Andrade.

Em Santa Maria, as manifestações literárias estão ainda esparsas, sabe-se que existe uma literatura produzida na cidade, porém não existe uma identidade literária formalizada. Poder-se-ia dizer então, que esta identidade está em fase de construção, é preciso sacralizar uma imagem, para que, posteriormente, esta possa ser destruída e, assim, poder-se equipará-la a outras e perceber ou não influências delas.

A Universidade Federal de Santa Maria tem tido um importante papel na formação identitária de literatura santa-mariense através de projetos de mostra e análise da obra de escritores que nasceram ou que moraram na cidade durante algum tempo. O presente trabalho pretende contribuir para esse propósito à medida que objetiva divulgar a obra do poeta Chico Ribeiro em seminários, mesas-redondas e artigos acadêmicos até a publicação de sua obra completa.

O conhecimento da obra desse poeta acrescenta à Literatura de Santa Maria as suas peculiaridades, contribuindo para a sua edificação. Assim sendo, analisa-se, aqui, um poema da temática lírica do poeta como uma pequena demonstração de sua poética.

2 ANÁLISE DO POEMA

"Castro Alves"

Foi sombra e foi clarão, templo e legenda,
Chaga sangrando e explosão de orgia;
Quem mais se impôs, na senda da poesia,
Mais desbravou naquela estranha senda!

Alguém, dos poucos, que Jeová diria:
Fi-lo pra exemplo da sagrada tenda;
Alma revolta, espírito de lenda,
Um pouco incêndio, um pouco melodia!

Avança o tempo e, quanto mais avança,
Mais se agiganta sua voz troante,
Mais nome e glória sua lira alcança!

Poeta, que o sol do gênio modelou,
E fê-lo, o povo, esse condor gigante
Dentre os gigantes que o Brasil criou!...

É bastante comum em poesia o recurso de homenagear, citar ou parodiar personalidades literárias, políticas e históricas. Chico Ribeiro utiliza este artifício para lembrar a repercussão que tem até hoje a obra e a pessoa de Castro Alves na Literatura Brasileira. Castro Alves era dono de uma personalidade forte e bastante passional, o que se reflete muitas vezes em sua obra. Produziu poemas de temática lírico-amorosa, nos quais utilizou um sensualismo não comum para seu tempo. Foi, porém, através dos poemas de denúncia à escravidão brasileira que ficou mais conhecido. Massaud Moisés (2003) classifica-o como um mediador entre a poesia romântica e a parnasiana. Ainda sob o olhar de Moisés, Castro Alves "reuniu condições excepcionais de talento literário, que uma vida repassada de passionalidade e aventura mais acentuou, tornando-o um dos maiores poetas do tempo e da Literatura Brasileira".

No poema de Chico Ribeiro, o poeta é mostrado sob uma visão semelhante à de Moisés, ou seja, entre os maiores poetas da Literatura Brasileira. O poema vem sob a forma de soneto, possui rimas externas, consoantes, pobres (à exceção dos versos 5-8), intercaladas nos quartetos e do tipo CDC/EDE nos tercetos. A respeito dos sinais de pontuação, nota-se que há coincidência entre as pausas métrica e semântica, o que dá uma certa atmosfera de racionalidade ao poema. Por ser altamente descritivo, o andamento do poema se dá de uma forma não

muito ágil e com uma presença maciça de substantivos.

No primeiro quarteto, a imagem de Castro Alves é construída em cima de antíteses, denominando-o como sombra e clarão ao mesmo tempo. Sendo essa realidade inconcebível a um mesmo objeto ou ser, pode-se inferir que o eu poético refere-se ao fato de o poeta ter descrito em seus poemas não só o belo, a luz, o amor, mas também a sombra do mundo ocidental, a escravidão dos negros vindos da África. Esse jogo de antíteses, seguido por "templo e legenda", demonstram a completude do poeta que era não só o edifício, o concreto (Templo), mas também a legenda, a força ideológica que recheia este templo. De forte valor expressivo é a terceira antítese "chaga sangrando e explosão de orgia", dela, além de se tirar um processo imagístico vibrante pela presença do gerúndio com valor de advérbio de modo "sangrando" e da locução adjetiva "de orgia", pode-se confirmar este comportamento bipolar da poesia de Castro Alves, que ora é dor de uma ferida recente, viva, que ainda sangra, e ora é explosão de alegria, de gozo e de prazeres. No terceiro verso, o eu lírico demonstra sua predileção pela figura do poeta, apontando-o como o desbravador dessa senda, ou seja, aquele que preparou o terreno, que explorou, que abriu caminho nessa arte.

Na segunda estrofe, nota-se a continuação da descrição do poeta. Ali, o eu poético utiliza o maior ícone da fé cristã, de maneira a justificar sua preferência pelo poeta, já que Deus, na sua onipotência, diria que Castro Alves é uma das poucas pessoas dignas de serem tidas como exemplo para os demais. Os versos 3 e 4 do segundo quarteto são quase que uma continuação dos do primeiro, já que continuam qualificando-o, porém, agora, como alma revoltosa e espírito lendário. Daí se pode notar que o poeta é caracterizado por fatores mais abstratos, de essência, ou seja, em nenhum momento ele é adjetivado pelos seus dotes físicos, o mais importante nele é o espiritual, o etéreo, aquilo que fica, que o imortaliza e não o que é do corpo, mortal. O verso oito, com a expressão "um pouco incêndio, um pouco melodia", remonta a uma música quente, passional, tal como a vida e a obra do poeta, com as quais é impossível não se contagiar, não dar maior atenção.

O terceto primeiro apresenta uma mudança no andamento do poema, o tempo dos verbos, que era antes passado, passa a ser presente, o

que, aliado ao verbo "avançar", dá um sentido de progressão, de continuidade, isto é, a obra que era grande, com o passar do tempo não se apaga e sim aumenta, avança junto com o passar dos dias, sendo sempre presente.

Enfim, na última estrofe do soneto, o eu lírico dirige-se à figura de Castro Alves como poeta, sendo que, anteriormente, este era definido como essência, de maneira incerta ("alguém", verso 5), com imagens mais abstratas. A expressão "sol do gênio" alude a sua iluminação intelectual, produtora de uma obra vasta, que o modelou como em uma escultura, como um ser fabricado através da genialidade. Nos versos seguintes, o poeta é mencionado como um condor, pássaro símbolo da terceira fase do Romantismo brasileiro, por representar simbolicamente a liberdade de voar aliada à imponência de suas asas.

Finalmente, o eu lírico fecha o tema proposto, ressaltando a mensagem deixada na primeira estrofe, isto é, dos grandes poetas que teve o Brasil, Castro Alves é um deles. Assim, fecha-se um ciclo que começa e termina exaltando a grandiosidade do poeta e a importância de sua obra para a poesia brasileira.

CONCLUSÃO

Sendo um dos objetivos deste projeto a construção da identidade na representação literária de Santa Maria e sabendo que este é um processo lento, pode-se considerar bastante positivos os seus resultados, ou seja, o trabalho de coleta e classificação da obra de Chico Ribeiro está 80% pronto, e a divulgação de sua trajetória literária vem sendo realizada em encontros como a Jornada Acadêmica Integrada /2003; 22^o Semana de Letras da UFSM; Seminário de Letras UNIFRA/2004; Jornada Acadêmica Integrada /2004, entre outros; e através da publicação de artigo para a Revista *Idéias*. Ressalta-se, porém, que o objetivo referente à publicação da obra de Chico Ribeiro ainda não foi alcançado, pretende-se, então, continuar com este trabalho para que a obra do poeta santa-mariense seja resgatada e colocada na galeria dos representantes literários de Santa Maria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERND, Zilá. *Literatura e Identidade Cultural*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.

COELHO, Nelly N. Literatura e Linguagem: a obra literária e a expressão lingüística. São Paulo: Quíron, 1986.

MOISÉS, Massaud. A Literatura Brasileira através dos textos. São Paulo: Cultrix, 1971; 24ª ed, 2004.

NOTA

© Trabalho orientado pela Prof.ª Dr. Ceres Helena Ziegler Bévilaqua e desenvolvido pela aluna do 4º semestre do Curso de Letras/Português, bolsista PIBIC/CNPq no projeto Construção da Identidade Literária: Chico Ribeiro em Santa Maria.